

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA ESCOLA

Antônio José Tavares Lima/Faculdade Anísio Teixeira

Email: antonioj.lima@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atualmente existem programas de mediação de conflitos disseminados em escolas de diversos países, como na Argentina, Canadá, Estados Unidos, Portugal, Espanha, França, Inglaterra, dentre outros (MORGADO & OLIVEIRA, 2009). Nas escolas brasileiras, contudo, ainda são frágeis essas experiências. Segundo Neves (2009) essa problemática é grave, posto que, no geral, os gestores das escolas brasileiras não sabem administrar conflitos e utilizam estratégias que terminam agravando um quadro que já é crítico.

Georg Simmel (1983) considerava o conflito uma forma de interação social, diferente da violência, quando acontece a negação do outro, seja pela imposição do silêncio, pelo seu esmagamento ou destruição da sua capacidade de lutar. O autor considerava o conflito a substância existente nas mais diversas relações entre os indivíduos, podendo produzir momentos de construções e destruições.

Velho (2000, p. 11) lembra que “[...] a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito”. Segundo o autor, o convívio em sociedade não se constitui a partir de processos homogêneos, mas sempre, em algum nível, marcado pelo dissenso, sendo que as divergências podem ser resolvidas através de negociações, como também através da violência.

A mediação constitui uma forma de administrar conflitos na qual os próprios envolvidos podem chegar a uma solução para suas demandas. O papel do mediador é possibilitar o diálogo entre as partes, proporcionando condições favoráveis para que entrem em um acordo (CATÃO, 2009).

Neves (2009) afirma que o fundamental na mediação de conflitos é a restauração do diálogo e da negociação. Nessa perspectiva, mais do que um método de resolução de conflitos, a mediação constitui uma prática social

capaz de refazer laços afetivos, familiares e sociais. Mesmo que os mediadores não cheguem a um acordo, o processo tende a diluir as hostilidades.

O presente trabalho constitui um relato de experiência do processo de implantação do primeiro programa de mediação de conflitos em escola da rede pública de Feira de Santana/Bahia. A implantação do programa fez parte do estágio em Psicologia Escolar do curso de Psicologia da Faculdade Anísio Teixeira e teve como objetivo central diminuir as estatísticas de conflitos entre os estudantes no interior da escola.

2. METODOLOGIA

Adotamos a observação participante como método para a realização desta intervenção. A abordagem consiste em um processo quando o pesquisador precisa se inserir, ser aceito e participar do cotidiano de determinado grupo, com o objetivo de entender a lógica que move essa comunidade (ROCKWELL, 2009). O programa de mediação de conflitos foi implantado a partir do conhecimento desta lógica de funcionamento da escola e em parceria com a comunidade local.

3. RESULTADOS

A equipe de mediadores do presente projeto era composta pelo professor e pelos estudantes do estágio em Psicologia Escolar do curso de Psicologia da Faculdade Anísio Teixeira. A escola que participou desta intervenção faz parte da rede estadual e engloba o ensino fundamental e o médio. Localizar-se em um bairro de Feira de Santana considerado área de risco social. Foi escolhida pelo alto índice de conflitos que acontecem com seus mil e trezentos estudantes. O turno escolhido para a realização do projeto foi o vespertino, por ter sido considerado pelos gestores o mais problemático.

O primeiro objetivo da equipe no interior da escola foi conquistar a confiança comunidade local. Conseguimos atingir plenamente esse objetivo com os gestores, particularmente a diretora, os funcionários e boa parte do corpo docente. Em relação aos estudantes, os primeiros contatos foram muito problemáticos. Eles estavam bastante desconfiados e não aceitavam interagir

com qualquer membro da equipe. A partir do segundo mês de intervenção, aos poucos, essa realidade foi mudando e as interações se intensificando. Uma característica marcante desse projeto foi o olhar sensível que levamos para o interior da escola. Dessa forma, havia um constante esforço para valorizar as diferentes vozes, particularmente dos estudantes, que eram muito pouco escutados. Abramovay (2000) também aponta esse fechamento das escolas para as vozes dos estudantes e o saldo negativo desta prática nas interações que acontecem em seu interior.

No início do mês de abril implantamos o núcleo de mediação de conflitos em uma sala cedida pela instituição. O clima da escola na época era muito tenso, predominando interações conflituosas. Os espaços para o diálogo eram frágeis e a lógica punitiva reinava absoluta, como observado em outros estudos (ABRAMOVAY, 2008; AQUINO, 2006; NEVES, 2009).

Os gestores sabiam que a estratégia utilizada não estava funcionando e se mostravam abertos para nossa proposta. Desta forma, ficou acordado que eles deveriam encaminhar os casos de conflitos para que a equipe de mediadores tentasse resolver. No geral, estes conflitos resultavam de mal entendidos decorrentes da interpretação de alguma palavra ou comportamento. Quando envolviam agressão física, nunca produziam lesões corporais graves, embora envolvessem frequentemente ameaças de morte e de vinganças.

No total foram realizadas sessenta e duas mediações, todas entre estudantes, sendo que trinta e quatro envolvendo meninos e vinte oito entre meninas. Destes casos mediados, foi estabelecido o diálogo em todos, sendo que em cinquenta e nove foi possível promover uma conciliação. A maioria dos conflitos acontecia com estudantes do sexto e do sétimo anos (cinquenta e cinco casos).

As experiências de mediação seguiram uma orientação híbrida. Em alguns casos priorizava a conciliação e em outros se aproximava do modelo de Robert Barush & Joseph Folger (1999), que prioriza transformar a relação das partes envolvidas.

Nos dois primeiros meses que participamos do cotidiano da instituição os conflitos eram constantes. A média diária eram três casos, sendo que houve um dia que essa marca atingiu seis episódios. Na segunda quinzena do mês de maio era muito significativa a mudança nestes índices, que não eram mais

diários. O clima da escola havia mudado. Os alunos pareciam mais tranquilos. A constante tensão que tornava qualquer conflito, por mais simples, motivo de agressão, parecia ter desaparecido. Indicadores semelhantes foram apontados por Neves (2009), resultado do programa de mediação escolar que vem desenvolvendo em Fortaleza.

No mês de junho entramos em recesso e só retornamos em agosto. Nesse contexto a equipe de estagiários havia mudado e só contava com uma turma de dez estudantes. A dinâmica adotada para inserir os novos estagiários seguiu a mesma direção da observação participante. A diferença foi que a comunidade já conhecia o professor do estágio e também o trabalho de mediação, logo, o processo de inserção foi muito mais simples.

A nova equipe de estagiários presenciou a mediação de dois conflitos, que aconteceram logo na segunda semana de agosto. A partir da terceira semana, contudo, os conflitos mais graves deixaram de existir e a instituição passou três meses sem qualquer episódio de agressão física ou verbal entre os estudantes. Segundo os gestores, foi a primeira vez que a escola assumiu essa dinâmica.

4. CONCLUSÃO

Implantar um programa de mediação escolar implica uma concepção de gestão mais horizontal e participativa. O poder de decisão passa a circular também entre os estudantes. Este parece ser o desafio mais difícil. Abrir mão de um modelo de poder centralizador em nome de um modelo mais democrático. Um desafio que não encontra como maior obstáculo os entraves burocráticos no nível da Secretaria de Educação ou Prefeitura Municipal. O problema central, também apontado por Aquino (2006) e Morgado (2009), parece ser a descrença na utilização de estratégias democráticas para enfrentar os conflitos na escola.

Apesar dos limites deste estudo, existem três pontos a serem destacados. Primeiro, a lógica punitiva, tudo indica, possuía um papel decisivo no agravamento dos conflitos existentes. Fato também observado por Abramovay (2008), Morgado (2009) e Neves (2009). Segundo, a mediação escolar oferece grande potencial para diminuir a incidência de conflitos. Por

fim, entende-se que a mediação não deva ser um projeto isolado. Precisa ter uma dimensão institucional e se fundamentar em um pacto. Os princípios comuns na maneira de compreender os conflitos e como administrá-los precisam ser compartilhados pela comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Escola e Violências**. In: GOMES, C.A. (org.) Segurança e educação. Salvador: UNIFAX, 2008.

AQUINO, Júlio Groppa. **Confrontos na sala de aula**: uma leitura institucional da relação professor aluno. São Paulo: Summus, 2006.

BARUSH, R & FOLGER, F. **Mediação transformativa e intervenção de terceiros**: as marcas registradas de um profissional transformador. In: SCHNITMAN, D. F. LITTLEJOHN, S, (orgs). Novos paradigmas em mediação. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 85-100.

CATÃO, A. L. **Mediação e Judiciário**: problematizando fronteiras psico-jurídicas. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MORGADO, C & OLIVEIRA, I. **Mediação em contexto escolar**: transformar o conflito em oportunidade. In: Exedra: Revista Científica, Coimbra, n. 1, p.43-56, jun. 2009.

NEVES, S. **Avaliação das concepções de violência no espaço escolar e as concepções de violência**. Tese (doutorado) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

PASTANA, D. **Justiça Penal Autoritária e Consolidação do Estado Punitivo no Brasil**. In: Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 17, n. 32, p. 121-138, fev. 2009.

ROCKWELL, E. **La Experiencia Etnográfica**: História y cultura em los processo educativos. Buenos Aires: Paidós, 2009.

SIMMEL, G., **A natureza sociológica do conflito**, in Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983.

VELHO, G. & ALVITO, M. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 2000.